

A iconografia das moedas gregas do período ptolomaico: uma análise com base no acervo do Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo

The Iconography of Greek Coins in the Ptolemaic Period: An Analysis
Based on the Collection of the Museum of Biblical Archaeology of the
Centro Universitário Adventista de São Paulo

Rodrigo Silva
Pedro Henrique Rodrigues da Silva
Sergio Henrique Micael Santos
Ygor Lebrank de Melo

Resumo

O Museu de Arqueologia Bíblica (MAB), do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), abriga uma valiosa coleção de moedas antigas, ainda pouco explorada por pesquisadores. Essa coleção, composta por moedas gregas, romanas, persas e judaicas, oferece importantes fontes para o estudo do passado. Diante disso, este trabalho é um recorte temporal e geográfico da dinastia ptolomaica e tem como objetivo uma análise iconográfica das moedas desse período, presentes no acervo do MAB. A partir da análise podemos destacar que, além de sua função monetária, as moedas ptolomaicas desempenhavam um papel político e ideológico, servindo para legitimar o poder e a autoridade de seus governantes.

PALAVRAS-CHAVE: Numismática; Moedas gregas; Período Ptolomaico; Iconografia.

Abstract

The Museum of Biblical Archaeology (MAB), at the Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), houses a valuable collection of ancient coins, which remains largely unexplored by researchers. This collection, comprising Greek, Roman, Persian, and Jewish coins, provides significant sources for the study of the past. Given this context, the present study focuses on a specific temporal and geographical segment—the Ptolemaic dynasty—aiming to conduct an iconographic examination of the coins from this period that are part of the MAB collection. Through this analysis, it becomes evident that, beyond their monetary function, Ptolemaic coins played a crucial political and ideological role, serving as instruments to legitimize the power and authority of their rulers.



Introdução

Na Antiguidade, a moeda era um meio de comunicação entre povos distantes. Esse objeto de troca contribuía para a unificação de vastos territórios, muitas vezes sob o domínio de um mesmo governo, e desempenhava um papel diplomático nas relações entre diferentes povos. O metal, com as imagens cunhadas em suas faces, transcendia as fronteiras da comercialização, projetando simbolicamente ideias que ajudavam a moldar a identidade e a ideologia de uma sociedade. Nesse contexto, o estudo da iconografia das moedas revela-se uma ferramenta valiosa para a compreensão das dinâmicas históricas e do espírito de uma época. Segundo Burke (2001), as imagens não são neutras: tratam-se de produtos culturais que carregam intenções, contextos, significados, sendo designadas para comunicar e registrar atos de testemunhos oculares, embora não tenham voz. A linguagem imagética das moedas, inserida na esfera simbólica e não verbal, pode expressar representações de poder, identidades e valores. Assim, o historiador busca decifrar esse universo simbólico, assumindo o desafio de interpretar o que Carlan (2015, p. 5) denomina “idioma figurado, no qual o poder se expressa secularmente”.

Considerando a complexidade do uso do termo “poder”, torna-se necessário esclarecer qual concepção está sendo adotada nesta pesquisa. A noção de poder aqui trabalhada aproxima-se do conceito desenvolvido por Michel Foucault (2006), segundo o qual o poder não se concentra em uma instância centralizada apenas, mas encontra-se disseminado nas relações sociais, manifestando-se em múltiplos níveis da cultura, da linguagem e das práticas cotidianas. Para o autor, “uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder” (Foucault, 2006, p. 231).

De acordo com David Knoke (1990, p. 1-6), o poder social é relacional, ou seja, não é uma característica fixa de um indivíduo ou grupo, mas algo que se

SILVA, Rodrigo; SILVA, Pedro; SANTOS, Sergio; MELO, Ygor.

constrói na interação entre atores sociais que possuem a capacidade de influenciar e produzir efeitos intencionais. O fundamento do poder reside na existência de uma relação assimétrica, caracterizada pela influência ou pela dominação, expressa no controle por meio de recompensas ou punições entre os atores envolvidos. Quando influência e dominação se unem, constitui-se o poder autoritativo, que demanda obediência sem contestação por parte do outro ator, mesmo que ainda estejam presentes mecanismos de recompensa ou punição. Nesse sentido, o poder, que opera por meio de discursos, símbolos e representações, organiza e estrutura o saber, moldando a percepção de mundo e tornando-se central nos processos de dominação. No caso do regime ptolomaico, observa-se que a dinastia faraônica também se apropriava do poder religioso como estratégia para legitimar seu governo. É importante destacar que o campo religioso está diretamente vinculado ao poder político, funcionando como um instrumento de legitimação da ordem social (Bourdieu, 2007, pp. 69-70).

Nesse sentido, as moedas ptolomaicas não são apenas instrumentos econômicos, mas também dispositivos simbólicos que, por participarem das micro-relações, desencadeiam um modo de pensar, direcionando os comportamentos e subjetividades. Em particular, as moedas integravam a autorrepresentação da dinastia, refletindo os laços ideológicos entre o poder e os elementos visuais impressos nelas. Em um nível funcional, a moeda era a forma pela qual os reis demonstravam sua riqueza e cobriam os custos do império. A moeda aumentava a eficiência da administração e da extração do excedente real, ao mesmo tempo que reproduzia visualmente os discursos de autoridade e identidade, podendo ser identificada, por meio dos retratos, símbolos e inscrições, como parte da ideologia da dominação helenística no Egito. (Von Reden, 2007, p. 296).

Este artigo, portanto, é um recorte temporal e geográfico da dinastia ptolomaica e tem como objetivo uma análise iconográfica das moedas desse período, as quais compõem o acervo do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB/UNASP). Ao estabelecer como recorte temporal e geográfico o período



ptolomaico, o estudo concentra-se na análise iconográfica das moedas cunhadas no Egito entre 323 e 30 a.C., buscando interpretar os desdobramentos ideológicos de dominação e relações de poder presentes nessas representações.

A relevância desta pesquisa reside na contribuição que pode oferecer para o entendimento das práticas de propaganda política no período ptolomaico, analisando como a cultura material – especialmente a iconografia presente nas moedas – foi utilizada para transmitir mensagens ideológicas e consolidar-se. Além disso, ao concentrar-se em uma coleção única no Brasil, o estudo não apenas busca ampliar o acesso a essas fontes históricas, mas também estimular novas investigações sobre o papel das moedas e suas efígies na construção de identidades e dinâmicas culturais no mundo antigo.

Este estudo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, apresenta-se uma breve contextualização histórica das moedas em questão, com foco na relação desse recorte histórico-geográfico com os artefatos pertencentes ao acervo do Museu de Arqueologia Bíblica. Em seguida, será realizada a análise das moedas ptolomaicas, abordando as principais características iconográficas e suas implicações na dinâmica de poder. Por fim, discutem-se as conclusões sobre o papel dessas moedas na construção da imagem dos reis ptolomaicos e na propaganda ideológica que sustentava seu domínio, influência e governo.

Período Ptolomaico: Do Sátrapa a Cleópatra

O período ptolomaico corresponde ao momento histórico no Egito em que duas culturas, a grega e egípcia, se entrelaçam e dão origem a novas perspectivas culturais (Fulińska, 2010; Lloyd, 2003; Manning, 2010). Seu início é datado após a morte prematura de Alexandre, o Grande (356-323 a.C.), quando surgiu uma questão central: quem assumiria o governo das extensas terras que ele havia conquistado? Para resolver essa incerteza, foi organizada a conhecida Partição da Babilônia, em 323 a.C., evento no qual o território foi dividido em

SILVA, Rodrigo; SILVA, Pedro; SANTOS, Sergio; MELO, Ygor.

satrapias, cada uma administrada pelos diádocos, sucessores de Alexandre, sob o comando de Felipe III Arrideu (r. 323–316 a.C.) e Alexandre IV (r. 316–304 a.C.) (Bunson, 2002). Nesse contexto, Ptolomeu I, filho de Lagos e um dos líderes da aristocracia macedônica, recebeu o Egito, uma região rica e estrategicamente relevante. Como pontuado por Hölbl (2001), sua geografia conferia-lhe relativa independência e a tornava um domínio privilegiado.

A partir desse cenário, Jean Bingen (2007, pp. 20-21) afirma que:

Certamente, ele reconheceu ali a existência de riquezas à disposição, especialmente ouro e trigo. Ademais, percebeu que Alexandria, a mais prestigiosa cidade de Alexandre, o Grande, permitia-lhe, de imediato, o prestígio associado à lembrança do conquistador (Tradução Nossa – doravante TN).¹

Dessa forma, como postulam vários estudiosos do período ptolomaico, Ptolomeu I, almejava se vincular à imagem divina de Alexandre (Bingen, 2007; Hölbl, 2001; Thompson, 2018). Para isso, elevou o status da cidade de Alexandria ao construir um museu e uma biblioteca, com o objetivo de se associar à elite intelectual. Além disso, não apenas buscou escrever uma biografia de Alexandre, mas também assumiu o controle das cinzas do rei divinizado (Bingen, 2007).

Além disso, Ptolomeu I adotou o título de *basileu* (rei), seguindo os ritos da coroação faraônica apenas em 305 a.C., quando a dinastia foi oficialmente estabelecida. Essa decisão foi tomada em resposta a Antígonos, outro sátrapa com quem disputava territórios e que havia se proclamado rei antes dele (Hölbl, 2001).

As disputas territoriais entre os governantes sucessores de Alexandre eram constantes. Por essa razão, Ptolomeu intensificou sua segurança militar em primeira instância, o que lhe permitiu resistir às frequentes invasões ao Egito e obter sucesso em seus intentos expansionistas, tanto em direção ao mar Egeu,

¹No original: “Certainly he had recognised there the existence of wealth at hand, gold and especially wheat. Furthermore, he realised that Alexandria, Alexander the Great’s most prestigious city foundation, enabled him to obtain immediately the prestige linked with the recollection of the conqueror.”



no Mediterrâneo, quanto ao oriente, abrangendo a região da Judeia e da Fenícia (Fischer-Bovet, 2022; Lloyd, 2003; Thompson, 2018).

No que tange à autoridade ptolomaica sobre o Egito e à coroação faraônica de Ptolomeu I, Manning (2010, p. 91) discorre que:

Para que os reis ptolomaicos alcançassem seus objetivos, para os quais o controle do Egito era uma condição *sine qua non*, eles precisavam legitimar seu governo. Um canal importante dessa legitimação encontrava-se na antiga tradição real egípcia [...]. A coroação de Ptolomeu na antiga capital, Mênfis, transmitiu o primeiro sinal importante: os ptolomaicos seguiriam o modelo imperial persa, incorporando as tradições locais em sua estrutura imperial grega (TN).²

A partir dessa premissa histórica, os primeiros sucessores de Ptolomeu Sóter, ao adotarem seu nome dinástico, conseguiram preservá-lo. No entanto, “o reino do quarto Ptolomeu representa uma cisão do período de crescimento dos primeiros três Ptolomeus para uma situação [...] marcada por crises que afetaram a dinastia e seus interesses no exterior”³ (Hölbl, 2001, p. 127). O historiador grego Políbio atribui a decadência subsequente à personalidade de Ptolomeu IV (Lloyd, 2003). Ademais, o período ptolomaico encerra-se com uma das mulheres mais célebres da história, Cleópatra VII, cuja morte, em 30 a.C., resultou da conquista romana. Considerando esse longo período de quase 300 anos, as políticas adotadas não foram homogêneas. Contudo, algumas tendências político-culturais estenderam-se por todo a era ptolomaica, com suas particularidades, como é o caso da cunhagem de moedas.

Monetização Ptolomaica

Henry Colburn (2018, p. 70) inicia seu capítulo sobre a dinâmica na

² No original: “In order for the Ptolemaic kings to achieve their aims, for which the control of Egypt was a sine qua non, they needed to legitimize their rule. A major channel of this legitimacy would be found in the ancient Egyptian royal tradition [...]. Ptolemy’s coronation in the ancient capital of Memphis sent the first important signal: the Ptolemies would follow the Persian imperial model, subsuming local traditions within their imperial, Greek framework.”

³ No original: “The reign of the fourth Ptolomy represents a change from the period of growth under the first three Ptolomies to a situation [...] marked by crises affecting the dynasty and its interests abroad”.

economia decorrente da transição ptolomaica, advogando que:

A chegada de Ptolomeu I Sóter foi, incontestavelmente, um momento decisivo na história monetária do Egito. Por milhares de anos, a economia egípcia operou de forma semelhante, com grãos e lingotes de metais preciosos como os meios de valor mais comuns, embora não os únicos. No entanto, na época da morte de Ptolomeu em 282 a.C., o Egito já possuía um sistema trimetalico de cunhagem, análogo ao de muitas cidades gregas e outros reinos helenísticos (TN).⁴

Sabe-se que, a partir do período ptolomaico, começou-se a utilizar um sistema monetário unificado, configurando uma monetarização que alcançou todos os níveis da sociedade egípcia (Nikolova, 2021, p. 26; Von Reden, 2016). Antes desse período, a utilização das moedas – uma criação dos lídios, no Egito era restrita a contextos específicos e, normalmente, externos, como ponto de contato entre os aquemênidas e os gregos (Manning, 2006) ou no pagamento de soldados mercenários (Bingen, 2007). Contudo, como aponta Sitta Von Reden (2006, p. 170), “[...] a cunhagem como moeda para todos os fins, utilizada para troca diária e circulação no Delta, na capital e no Vale do Nilo, foi uma inovação ptolomaica” (TN).⁵

Em 315 a.C., Ptolomeu Sóter estabeleceu uma casa de cunhagem em Alexandria. No entanto, foi Ptolomeu II Filadelfo que se destacou como uma das figuras centrais no processo de monetarização do Egito (Manning, 2010). Nesse contexto, inaugurou-se um “Estado mercantil”, sustentado por instituições fiscais, bancos, um processo nacional sistematizado de cunhagem, expansão da taxação e um sistema estruturado de câmbio (Fischer-Bovet, 2022; Manning, 2008; Nikolova, 2021). Pode-se afirmar, portanto, que se consolidou uma economia monetária no Egito ptolomaico, cujo sistema visava garantir a estabilidade econômica. Nesse processo, os governantes estabeleceram um imperialismo monetário e comercial, proibindo a circulação de moedas

⁴ No original: “The arrival of Ptolemy I Soter was indisputably a turning point in the monetary history of Egypt. For thousands of years the Egyptian economy had operated in kind, with grain and precious metal bullion serving as the most typical, but by no means only, forms of money; yet at the time of Ptolemy's death in 282 BCE Egypt had a trimetallic system of coinage analogous to those of many Greek cities and other Hellenistic kingdoms.”

⁵ No original: “[...] coinage as an all-purpose money used for daily exchange and circulating in the Delta, the capital, and the Nile Valley was a Ptolemaic innovation.”



estrangeiras e impondo a conversão obrigatória de qualquer moeda proveniente do exterior (Sales de Candeia, 2017, p. 9; Von Reden, 2011, p. 432). Von Reden (2016) vai além, destacando que a introdução da moeda não foi crucial apenas para a estabilidade econômica, mas também para a consolidação do próprio estado. O uso da moeda real e a coexistência de diferentes formas de pagamento, atestavam o grau de controle estatal. Assim, a moeda era tanto uma ferramenta prática quanto um símbolo do poder do Estado.

No início, a obrigatoriedade do câmbio possibilitou ganhos econômicos significativos, pois através de uma estratégia econômica de trocar moedas ptolomaicas de menor peso, porém mesmo valor nominal, por moedas áticas, foi possível um reforço às fontes limitadas de prata do Egito (Colburn, 2018, p. 105-106). Nesse sistema, era “o próprio rei, que fixava a seu bel-prazer, o poder de aquisição de cada moeda, [...] que demonstrava seu poder absoluto sobre a moeda e sua efetiva força como garantia das relações econômicas estabelecidas e mantidas com o Egito” (Sales de Candeia, 2017, p. 10). Manning (2008) corrobora essa perspectiva ao afirmar que, mediante a cunhagem e a propagação da moeda, os ptolomaicos tentavam demonstrar sua soberania política em todo o território imperial. Todavia, a implementação e a continuidade desse empenho variavam de acordo com a localidade e o momento histórico, em especial nas regiões predominantemente rurais.

Além do controle sobre o valor de cada moeda, a iconografia também estava subordinada ao imperador. As primeiras emissões monetárias, sob a jurisdição do sátrapa Ptolomeu I, apresentavam a efígie de Alexandre, o Grande. Contudo, pouco após coroação, substitui a imagem de Alexandre por uma própria na cunhagem nacional (Hölbl, 2001, p. 21).

Conforme destaca Nikolova (2021, p. 26):

[...] ele foi o primeiro dos sucessores de Alexandre a colocar o retrato desse último nas moedas, mas também o primeiro a abandonar os tipos monetários associados a Alexandre e a inserir seu próprio retrato em

SILVA, Rodrigo; SILVA, Pedro; SANTOS, Sergio; MELO, Ygor.

suas cunhagens (TN).⁶

Nesse sentido, Ptolomeu promoveu uma mudança significativa ao alternar o uso e o abandono da imagem de Alexandre, considerando as diferentes estratégias políticas de legitimação de seu governo.

A Iconografia das Moedas Ptolomaicas

O Museu de Arqueologia Bíblica possui uma coleção de aproximadamente duas mil moedas antigas oriundas do oriente médio e do mediterrâneo, incluindo exemplares gregos, romanos, persas e judaicos. Para esta pesquisa, foram selecionadas as moedas do período ptolomaico disponíveis no acervo do MAB, totalizando 11 unidades. As primeiras moedas a serem analisadas encontram-se no acervo sob os seguintes números de registro: MO-MA-GR 0105; MO-MA-GR 0106 e MO-MA-GR 0107 (FIGURA 1). Tais moedas compartilham os mesmos elementos iconográficos, razão pela qual serão examinadas em conjunto.

A metodologia adotada baseia-se nos estudos numismáticos, os quais consistem na comparação dos símbolos cunhados com outras fontes documentais, a fim de identificar os propósitos e interesses ideológicos por trás das imagens representadas. Por meio dessa abordagem, a moeda deixa de ser apenas um instrumento de troca para se tornar um veículo de poder, ideologia e propaganda política. Esse método, conhecido entre os numismatas, tem sido recorrentemente utilizado por pesquisadores, contribuindo para a sistematização da análise desses artefatos. Um exemplo dessa aplicação encontra-se no trabalho de Porto (2013), que identifica, em moedas judaicas e da região da Judeia, símbolos que expressam aspectos culturais e histórico-religiosos, que se tornam evidentes quando comparados a outras fontes e documentos.

FIGURA 1 – PTOLOMEU I SÓTER. ORIGEM: EGITO. MATERIAL: PRATA.

⁶ No original: “[...] he was the first of Alexander’s successors to place the latter’s portrait on coins, but also the first one to abandon the use of Alexander’s coin types and the first one to place his own portrait on his coinage.”





Fonte: Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.

Anverso: Cabeça de Alexandre, o Grande, com pele de elefante. Reverso: Atenas em posição de ataque com águia. Inscrição em grego: ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ.

As três moedas de prata que apresentam a mesma iconografia, conforme ilustrado na Figura 1, datam do período em que Ptolomeu I Sóter governava como sátrapa, ou seja, entre 323 e 305 a.C. No anverso, é possível identificar a efígie de Alexandre, o Grande, representado com um escalpo de elefante, uma referência às suas vitórias em batalhas contra as bestas fabulosas da África. No reverso, observa-se a figura de Atena Alkidemos, a deusa macedônica da guerra, retratada em posição de combate, armada com elmo, escudo e lança. Acompanhando a cena, há uma pequena águia pousada sobre um raio. Ao lado da figura de Atena, encontra-se uma inscrição em grego, “ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΥ”, que pode ser traduzida como “De Alexandre”.

A iconografia nelas cunhada não apenas reafirmava conquistas militares, mas também evidenciava a imagem das figuras centrais de poder. Assim, as moedas tornavam-se veículos ideológicos que simbolizavam poder e domínio, associando, com frequência, governantes a divindades gregas, além de reforçar a legitimidade e a autoridade política. A análise dessas moedas evidencia que sua função transcendeu o mero uso monetário, servindo também como instrumentos de propaganda política.

Na sequência, serão analisadas outras três moedas (Figura 2), que compartilham a mesma imagem iconográfica e estão catalogadas sob os números de registro MO-MA-GR 0124; MO-MA-GR 0125 e MO-MAB 0008.

FIGURA 2 – PTOLOMEU II FILADELFO. ORIGEM: EGITO. MATERIAL: PRATA.



SILVA, Rodrigo; SILVA, Pedro; SANTOS, Sérgio; MELO, Ygor.

Fonte: Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.
Anverso: Cabeça de Ptolomeu I Sóter com um diadema. Reverso: Águia sobre um raio.

Assim como evidenciado na moeda de Ptolomeu I (Figura 1), a representação central do governante na moeda reflete o desejo de legitimar e perpetuar a continuidade de seu trono no Egito (Sales de Candeia, 2017). Do mesmo modo que Ptolomeu I utilizou a imagem de Alexandre para reforçar sua autoridade, seus sucessores adotaram a mesma estratégia em relação a si próprios.

Sales das Candeias (2017, p. 18) sugere que as moedas cunhadas por Ptolomeu I traziam uma representação realista de sua fisionomia, retratando-o como um homem mais velho, com traços rudes e austeros. No entanto, as emissões monetárias de seus sucessores passaram a representá-lo de forma idealizada, retratando-o como jovem, forte e corajoso. Essa transformação iconográfica visava consolidar um arquétipo simbólico para a dinastia lágida, evidenciando o caráter propagandístico e ideológico dessas emissões. Além disso, observa-se no anverso a utilização de um tema mitológico-religioso através da águia sobre um raio, símbolo associado ao deus grego Zeus. Assim, a águia, instrumento de Zeus, representa o imperador como uma divindade, transformando-o em um novo deus nacional. Destaca-se também a predominância da imagética grega em detrimento da egípcia.

Na sequência, serão analisadas outras três moedas (Figura 3), catalogadas sob os números de registro MO-MA-GR 0174, MO-MA-GR 0175 e MO-MA-GR 0176.

FIGURA 3 – PTOLOMEU XII AULETA. ORIGEM: EGITO. MATERIAL: PRATA.



Fonte: Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.
Anverso: Busto de Ptolomeu I Sóter com um diadema. Reverso: Águia sobre um raio.

Mesmo quase no final da dinastia ptolemaica (80-51 a.C.), a imagem de Ptolomeu I Sóter com uma diadema (indumentária real), permaneceu como um símbolo de poder e autoridade. Os últimos anos dessa dinastia foram marcados por instabilidades, contudo, é possível inferir que a presença de uma figura associada aos tempos áureos da dinastia na propaganda política visava aos súditos a continuidade legítima da governança, reforçando a conexão com tempos de prosperidade e estabilidade. A figura da águia, associada a Zeus, tornou-se padrão durante o restante da dinastia ptolemaica. Com isso, a autoridade permaneceu intrinsecamente ligada à esfera religiosa.

Por fim, as duas últimas moedas analisadas (Figura 4) correspondem aos registros MO-MA-GR 0177 e MO-MA-GR 0178.

FIGURA 4 – CLEÓPATRA VII. ORIGEM: EGITO. MATERIAL: PRATA.



Fonte: Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.
Anverso: Busto de Ptolomeu I Sóter com um diadema. Reverso: Águia sobre um raio.

As moedas de Cleópatra VII (51-30 a.C.), última governante da dinastia ptolemaica, presentes no acervo do MAB, seguem a tradição propagandista de preservar a imagem de Ptolomeu I Sóter. No anverso, o busto de Ptolomeu I, tornado comum entre as gerações, embora mais distante das feições reais,

SILVA, Rodrigo; SILVA, Pedro; SANTOS, Sergio; MELO, Ygor.

como mencionado, aparece rejuvenescido e idealizado, mantendo sua imponência ao lado da águia mítica, sustentando o mesmo padrão de legitimização que preserva o passado e o divino presentes.

No entanto, Cleópatra também cunhou moedas com sua própria efígie, embora o MAB não possua exemplares desse tipo em sua coleção (Figura 5)

FIGURA 5 – CLEÓPATRA VII. ORIGEM: EGITO. MATERIAL: LIGA DE COBRE.



Fonte: Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP.
Anverso: Busto de Cleópatra VII, à direita com diadema. Reverso: Águia sobre um raio.

Assim, observa-se uma dupla tentativa: promover-se como rainha sem ultrapassar os limites da tradição, mas reforçando sua legitimidade por meio da dinastia corrente. Diferentemente de Ptolomeu I, que ousou efetuar a transição da imagem de Alexandre para a sua própria, os sucessores ptolomaicos buscaram se manter dentro da lógica regente, legitimando seu poder por meio da figura do governante ideal e do simbolismo divino-mágico grego (Fulińska,, 2010). Ora, essa dualidade imagética influenciava tanto gregos quanto egípcios, considerando que Ptolomeu I Sóter buscou se alinhar aos parâmetros egípcios de autoridade faraônica enquanto portava temas gregos nas moedas. Logo, a propaganda política simbólica se tornou eficaz ao conseguir se relacionar com a multiplicidade cultural característica do helenismo.



Considerações Finais

As moedas, além de cumprirem a função de medida de valor, atuavam como um veículo de disseminação da arte, da mitologia, da política e da ideologia da dinastia ptolomaica. Por meio das inscrições e dos símbolos nelas contidos, é possível delinear a imagem que os monarcas dessa dinastia construíram de si próprios. Essa estratégia conferia uma dimensão ideológica que permeava o cotidiano de seus súditos, tornando o "faraó" uma presença concreta e visível em suas vidas.

É importante ressaltar que o Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP (MAB) possui um acervo de grande relevância, contendo uma coleção significativa de moedas antigas. Esses artefatos fornecem uma ampla gama de possibilidades para pesquisas históricas sobre essa temática. Salienta-se, ainda, que a raridade de tal coleção em território nacional contribui para a análise de uma cultura material que, de outra forma, seria uma realidade distante para muitos pesquisadores no Brasil. Dessa forma, esta proposta de artigo inaugura o estudo acadêmico sobre o acervo numismático do MAB, proporcionando aos pesquisadores e estudiosos a oportunidade de explorar essa valiosa coleção.

SILVA, Rodrigo; SILVA, Pedro; SANTOS, Sergio; MELO, Ygor.

REFERÊNCIAS

- BINGEN, Jean. Hellenistic Egypt: Monarchy, Society, Economy, Culture. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BUNSON, Margaret. Encyclopedia of Ancient Egypt. New York: Facts On File, Inc., 2002.
- BURKE, Peter. Eyewitnessing: the uses of images as historical evidence - (Picturing history). London: Reaktion Books Ltd, 2001.
- CARLAN, Claudio Umpierre. Simbologia, numismática e iconografia: a imagem como documento. Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa, v. 2, n. 1, 2015. Disponível em: <https://acesse.dev/EpYDC>. Acesso em: 19 de nov. 2024
- COLBURN, Henry. The Role of Coinage in the Political Economy of Fourth Century Egypt. In: CROMWELL, Jennifer. MCKECHNIE, Paul. Ptolemy I and the Transformation of Egypt, 404–282 BCE. Boston: Brill, 2018, pp. 70-119.
- FISCHER-BOVET, Christelle. Egypt and the Ptolomaic Empire. In: VON REDEN, Sitta. The Cambridge Companion to Ancient Greek Economy. New York: Cambridge University Press, 2022, pp. 124-138.
- FOUCAULT, M. Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. Organização de Manoel Barros da Motta.
- FULINKA, Agnieszka. Iconography oh the ptolomaic queens on coins: greek style, egyptian ideas? Studies in Ancient Art and Civilization 14. Cracóvia, 2010.
- HÖLBL, Günther. A History of the Ptolemaic Empire. Abingdon, Oxon: Routledge Ltd., 2001.
- KNOKE, David. Political Networks: the Structural Perspective. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- LLOYD, Alan. The Ptolomaic Period (332 - 30 BC). In: SHAW, Ian. The Oxford History of Ancient Egypt. New York: Oxford University Press, 2003. pp. 338-413.



- MANNING, J. G. Coinage as ‘Code’ in Ptolomaic Egypt. In: HARRIS, W. The Monetary Systems of the Greeks and Romans. New York: Oxford University Press, 2008, pp. 84-111.
- MANNING, J. G. The Last Pharaohs: Egypt under the Ptolemies 305-30 BC. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2010.
- NIKOLOVA, Diana. Debasement and Currency Fluctuations in Hellenistic Egypt: Compositional Analysis of Ptolemaic Silver and Bronze Coinage. University of Liverpool, 2021.
- PORTE, Wagner. A iconografia judaica e as moedas da Judeia. REVISTA LUMEN ET VIRTUS. v. 4, n. 8, 2013.
- SALES DAS CANDEIAS, José. A Moeda como meio de propaganda: o caso paradigmático do Egito Ptolomaico. In: A moeda conta a história. Lisboa: Instituto de Estudos Acadêmicos da Academia das Ciências de Lisboa, 2017. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/6454>. Acesso em: 05 de abr. 2025.
- THOMPSON, Dorothy. Ptolemy I in Egypt: Continuity and Change. In: CROMWELL, Jennifer; MCKECHNIE, Paul. Ptolemy I and the Transformation of Egypt, 404–282 BCE. Boston: Brill, 2018, pp. 6-26.
- VON REDEN, Sitta. Money and prices in the papyri, Ptolemaic period. Oxford: Oxford University Press, 2014. Oxford Handbook Topics in Classical Studies (online edition, Oxford Academic). Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199935390.013.71>. Acesso em: 2 de ago. 2025.
- VON REDEN, Sitta. ‘Demand Creation, Consumption and Power in Ptolemaic Egypt’ in Z.H. Archibald, J.K. Davies and V. Gariel (eds.), The Economies of the Hellenistic Societies, Third to First Century BC. Oxford University Press, Oxford. 2011, pp. 421-440.
- VON REDEN, Sitta. Money in Ptolemaic Egypt: from the Conquest to the End of the Third Century BC. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

VON REDEN, Sitta. The Ancient Economy and Ptolemaic Egypt. Ancient Economies, Modern Methodologies. Archaeology, Comparative History, Models & Institutions, 2006, pp. 161-78. Disponível em:

https://www.academia.edu/14445928/The_Ancient_Economy_and_Ptolemaic_Egypt Acesso em: 21 de nov. 2024.

Recebido em: 08/04/2025

Aprovado em: 26/06/2025